



Alberto de Souza
1912

TRICANA DE COIMBRA — Aguarela do sr. Alberto de Souza

N.º 364 Lisboa, 10 de Fevereiro de 1913

Assinatura para Portugal, colonias
portuguezas e Hespanha:

Ato 45800—Semestre, 25400—Trimestre, 15200

Ilustração
PORTUGUEZA

Dirêtor e Proprietario: J. DA SILVA ORAÇA
Editor: JOSE JOUBERT CHAVES

Redação, Administração e Oficinas de Compo-
sição e impressão: RUA DO SÉCULO, 43

CONSULTAE ESTE HOMEM. E' NOTAVELMENTE HABIL.

Muitas pessoas de alta categoria e competencia dizem que ele lê na vida de cada qual, como n'um livro aberto



O Professor Clay Burton Vance

Oferece gratuitamente Horoscopos de Ensaio, em portuguez, a todos os estimaveis Leitores da *Ilustração Portuguesa* que lhe escrevam sem perda de tempo, quanto antes.

Querem ser claramente informados a respeito das cousas que lhes podem interessar. Negocios, Casamento, Mudanças de Vida, Ocucações? Querem saber ao certo o que devem pensar dos Amigos e Inimigos, e conhecer o meio de alcançar o melhor exito na vida?

Estão atualmente despertando a atenção de todas as pessoas, que se interessam pelas experiencias misticas, os trabalhos do Sr. Clay Burton Vance, que sem alardear dons especiaes, nem um poder sobrenatural, procura revelar o que a vida reserva a cada qual, com auxillio d'este dado tão simples: a data do nascimento. A exactidão incontestavel das suas revelações e predições faz pensar que até agora Chiromantes, Advinhos, Astrologos e Videntes de todos os feitios não haviam logrado applicar os verdadeiros principios da ciencia de desvendar o porvir.

Em virtude de negociações levadas a cabo, podemos oferecer a todos os Leitores da *ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA*, uma Leitura d'Ensaio gratuita, ou Horoscopo parcial. E' necessario, porém, que as pessoas que quizerem aproveitar este offercimento façam o seu pedido sem demora. Aqueles que desejarem, portanto, uma descrição da sua vida passada e futura, que quizerem receber uma enumeração das suas carateristicas, talentos, aptidões, uma indicação das occasões que se lhes proporcionam, não tem mais que enviar o nome, a morada, a indicação do sexo, a do dia, mez e ano do nascimento, e a copia feita pela propria mão dos versos seguintes:

«Vosso poder é grande, é assombroso,
Ao mundo a fame diz;
Do meu porvir rasgando o veu nebuloso,
Dizei!—Serrei feliz?»

Dirigi a vossa carta a: Clay Burton Vance, Suite 2008, E. Palais Royal, Paris (França). Será conveniente incluir na carta 150 réis em estampilhas postaes, portuguezas (ou 500 réis em estampilhas brasileiras) para despesas de porte e de escritorio. Notar que as cartas para França devem ser franqueadas com 50 réis, moeda portugueza (ou 200 réis moeda brasileira). Não se deve incluir na carta dinheiro amoeado.

«Recebi o meu Horoscopo, escreve o Sr. Lafayette Reddi. Foi com verdadeiro assombro que li n'ele: FASE POR FASE, A MINHA VIDA DESDE A FANCIA ATE AGORA. Ha anos que este genero de estudos me interessa, mas nunca me passara pela ideia que fosse possível dar opiniões e conselhos de valor tão inculcavel. Sou, portanto, forçado a confessar que V. é na verdade um homem extraordinario, e muito folgo que possa fazer aproveitar, áquele que o consultam, das suas admiraveis faculdades.»

«Tenho muita alegria, escreve Miss Loretta Harvey, em exprimir a V. a minha completa satisfação pela Lettura Horoscopo da minha Vida. V. salvou-me de muitos erros; lamentado não o haver conhecido ha mais tempo. Para mim, o seu poder é inexplicavel, mas constitue um grande beneficio. O negocio a respeito do qual V. me deu um conselho especial, realçou-se como V. havia indicado.»

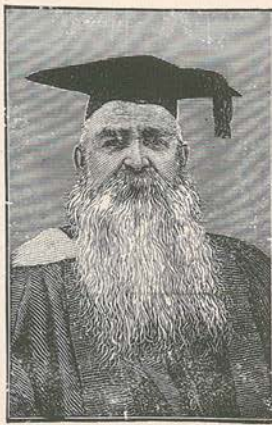
Prof. DIXON, Mestre em Artes

(Vaja-se a fotografia abaixo)

Director do Observatorio Lanka
Membro da Sociedade Astronomica de França,
Membro da Sociedade Astronomica de Alemanha, escreve:

PROF. CLAY BURTON VANCE:

Meu caro Sr.—Recebi a sua carta e a Lettura Completa da Vida. Estou completamente satisfeito com a sua Lettura, que é em quasi todos os pontos tão exacta quanto possível. Parece extranho que V. se tenha referido aos meus incomodos de garganta. Precisamente, acabo de ser atacado por elles de modo bastante serio. Estes incomodos apparecem sempre duas ou tres vez s por ano. Tenho a certeza de que não deixarei de recomendar aos meus amigos, que desejarem ter uma Lettura da sua Vida.



Prof. A. C. DIXON, Mestre em Artes, Bacharel em Sciencias.

Pó de Talco de Toilette

COLGATE
& C.^o
New-York



Antiseptico.
Absorve a transpiração.
Amacia e refresca a pele.

Agem e geraes.

LIMA NETTO & C.

111-A, R. da Prada, 147 — LISBOA
Contra 50 réis em estampilhas recebe-se uma pingueta lata d'este pó como mostra a seguinte.

COMPANHIA DO PAPEL DO PRADO

Socied. anónima
respons. limitada

CAPITAL:
Acções..... 300.000\$000
Obrigações..... 325.000\$000
Fundos de reserva e amortisação..... 266.470\$000
Reservas..... 383.370\$000

Sede em Lisboa. Proprietaria das fabricas do Prado, Mariana e Sobredinho (Tomar), Penedo e Casal de Hemo Louzã, Vale Maior (Albergaria-a-Velha). Instaladas para uma produção annua de seis milhões de kilos de papel e dispondo dos maquinismos mais aperfeiçoados para a sua industria. Tem um deposito grande variedade de papeis de escrita, de impressão e de embrulho. Toma e executa prontamente encomendas para fabricações especiaes de qualquer qualidade de papel de maquina online ou redonda e de fórma. Fornece papel aos mais importantes jornaes e publicações por odicas do paiz e é fornecedor exclusiva das mais importantes companhias e empresas nacionaes.

Escritorios e depositos

LISBOA—270, Rua da Princeza, 276

PORTO—49, Rua de Passos Manuel, 51

Endereço telegraphico em Lisboa e Porto: COMPANHIA PRADO. Numero telefonico: Lisboa, 916 — Porto, 117.

Piperazina

MIDY
cura Gota,
Reumatismo,
Aricia.

Exijir a Marca MIDY PARIS

FARINHA
LACTEA

NESTLÉ

ALIMENTO COMPLETO
para crianças e pessoas
edosas.

O Carnaval em Lisboa



1

Os dias de Carnaval foram lindos e emprestaram às festas, com a sua luz d'ouro, o brilho que lhe faltou em bom gosto e em entusiasmo.

Todavia, o Chiado viu passar muitos carros, todos eles cheios de mulheres bonitas, sendo alguns reclamos a diversas casas commerciaes e a teatros. A Avenida da Liberdade, sobretudo na tarde de terça-feira, tambem teve alguma ani



2



4

1. Na Avenida da Liberdade—2. Menina Zulmira Dias Lima, filha do sr. Inacio Saraiva Lima, e sobrinha do ilustre clinico sr. dr. Correia Dias, vestida d'alsaciana—3. Uma mascara gentil—4. No largo de S. Domingos: o aut.movel do sr. José de Figureiredo, lindamente ornamentado.



mação, assim como a rua Nova do Carmo.

A nota bizarra, pitoresca, magnífica, das festas carnavalescas — áparte os bailes particulares — foi a dada pelas crianças que apareceram por essas ruas e nos certames do Republica e do Nacional, vestidas de fórmãs bastante curiosas e muitas ricamente.

As mais bizarras invenções, os mais singulares trajos se mostraram e as mais diversas figuras se juntaram na mesma alegre volta de

valsa. Oficiaesitos minúsculos, com as suas espadas e dragonas de ceno, dançavam com *pierrretes* e andaluzas vistosas e engulalhadas, sem menor atenção pelos uniformes, medicos militares saltavam sósnhos, diabnhos, que davam vontade de comer aos beijos, partilhavam os seus bolcs com irmãs-nhas de caridade tão pequeninas e tão frescas, que mais pareciam anjos.

Um couraceiro moderno, atrevido e petulante, filitando as suas esporas, olhava sem respeito para

1. Uma andaluza minúscula e um pagem—2. Um couraceiro—3. A circassiana e a iihóa.—4. Na Avenida—5. O carro da manteigaria União.



que brincava com um oficial da armadacheiro de medalhas e d'aprumo. Foram as creancinhas, não ha duvida, que deram a esses bailes, a essas fes as lisboetas, a graça e a anima-



Nun'Alvares Pereira, de gibão e ferro, e um cardeal, com a sua cruzinha d'oiro sobre as vestes vermelhas, passava, de chapéu para traz, talvez á cata de certa freirinha,



1, 2 e 3. Na Avenida da Liberdade: alguns dos mais vistosos carros



1. No teatro Nacional: Depois do baile—2. Amor perfeito vivo
3. Um coelho singular

ção que elas tiveram pelos tres lindos dias de Carnaval e que ficam registadas nas paginas da *Ilustração Portuguesa*.



4. Depois do baile da Republica—5. A levantina—6. Garbo e gentileza

N'algumas ruas jogava-se animadamente *confetti* e *serpentina* e ás noites, nos teatros, tam bem, de camarote para camarote e das platéas por vezes—sobretudo, em terça feira—houve um ousado tiroteio.



7. Depois do baile do Nacional





1. O condestavel e o cardeal—2. Um grupo de creanças no baile do Republica—3. Balkans... carnavalesco—4. Um chefe de policia minusculo—5. «Pierrot»—6. Um adoravel oficial de marinha—7. «Uma ma cara gentil»—8 e 9. Depois do baile. (Clichés Benoitel).

Outro facto se deve assinalar n'este entrudo lisboeta, que costuma ser molhado e porco: não houve a eterna m. ndicidade que se enroupa nos mais fantasticos e exquisitos farrapos para ir pedir, de gu tarra em punho, um obulo a troco d'umas cantigas roufenhas. Os que appareceram ou não pediam ou procuraram o arrabalde para as suas exhibições, deixando assim á cidade um ar mais limpo que nos anos anteriores, em que aquellas mascaradas chegaram a verdadeiros excessos. D'este modo decorreu o entrudo lisboeta folião antigo, agora um pouco pacato e no qual não se feriram notas de originalidade, mas tambem não houve disturbios. E, depois, se procurarmos bem, alguma coisa de bizarro houve. Calcule-se que no bai e infantil se viu este cumulo: um coelho de braço dado com... um caçador.



O carnaval no Porto—O cortejo dos estudantes



O carnaval no Porto iniciou-se com um cortejo promovido por estudantes e no qual se exibiram as mais curiosas *charges* políticas e aos acontecimentos notáveis, assim como aos assuntos escolares.

Carros de grotescas composições, espirituosas caricaturas e interessantes símbolos d. mostravam a fertilidade das imaginações,



1. Cortejo d'estudantes: um grupo de figuras—2. Um carro de jogadores de serpentinas.

ao passarem por entre as gargalhadas e os aplausos do povo, ao mesmo tempo que os rapazes endiabradamente iam inventando novas facecias.

N'esse cortejo, o que mais destacou, foi a pro-



cessão dos Santos Nacionaes, constituída por tres andores, no primeiro dos quaes havia uma espirotuosa alusão a um dos nossos mais celebres diplomatas.

Nos outros identicas char-



2

1. Meninos do coro com o pendão dos Santos Nacionaes—2. A procissão dos Santos Nacionaes.
(Cliches Alvaro Martins)

ges a varias personagens politicas se mostravam, havendo caricaturas engenhosas e flagrantissimas, cuja passagem o povo sublinhou com risadas e ditos.

Apareceu tambem o carro das

Horas, alusivo ao sistema horario da Republica, e no qual um enorme mostrador apresentava uma graciosa legenda.

As ruas do Porto estiveram em constante alegria durante a passagem do longo cortejo, que despertou da sua vida de trabalho a laboriosa capital do norte.

Assim comecaram ali as festas carnavalescas.



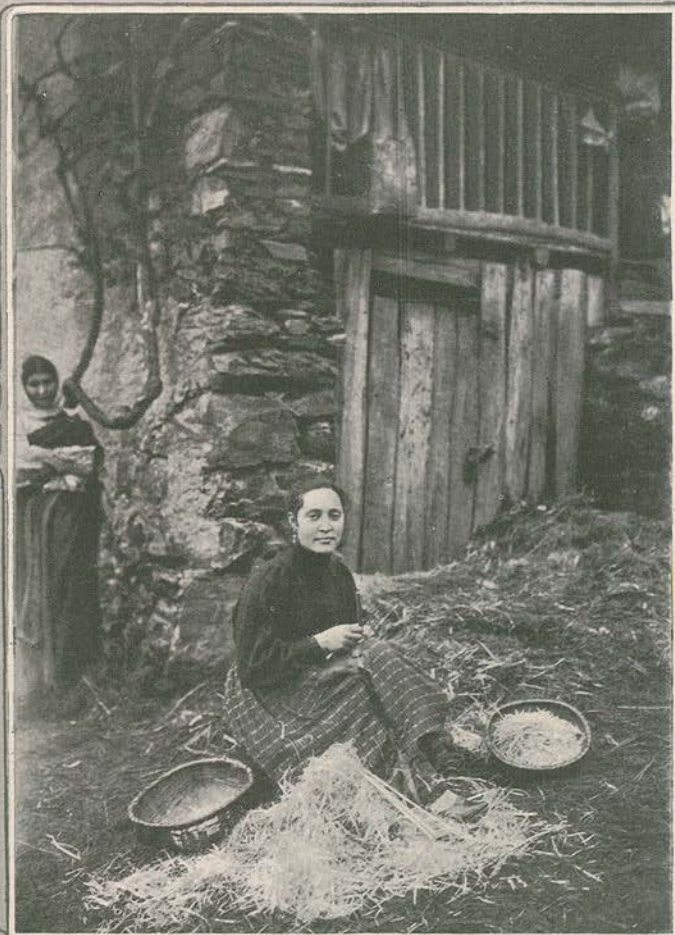
1. Casamento singular de D. Flansmina Regueiro com D. Arcabus Festenhoso—2. A parodia a Max Linder.



3. -Fiat Lux-, alusão ao jardim Passos Manuel (agencia de casamentos). Fontes luminosas. Bom retro. (Clichés Carlos Pereira Cardoso.)

PALITOS-DE-LORVÃO.

.. Fica-se comovido e absorto, á vista do Lorvão. O vale fundo, sombrio, tristíssimo, onde jazem os despojos do convento, já não merece aquele nome rude—Lorvão—nome rapido e aspero com o quer que seja do resonar longiuquo de seculos barbaros e no qual ainda ecôa o ruido d'essas terri-
veis tempestades das almas e dos elementos que rebentaram n'a-
quele vale onde apenas cabe o mosteiro.» Que apagada tristeza,



Afinando o vime sobre um protetor de couro, esticado do joelho ao pé.

que confrangida piedade a dos meus olhos fitando o velho rosto do enorme con-
vento esquecido. Já não tem portão a longa entrada para o terreiro antigo, ei-
quadrilatero, sem vidros os caixilhos cheios de herva, negrissimas as grades de
ferro de todas as janelas, a que assomam grupos inteiros de familias accluidas a
convento. E que rogos lamentosos os d'estas pedras, que preces combalidas a:
d'estas janelas—olhos do mosteiro—a balbuciarem, transidas, que as não trespas-
sem mais os ventos e coleras do ceu! Mas como pôde remir-se o velho mosteiro
arruinado, grande, hirtó na sua magreza de cadaver? Quando as ultimas freiras
foram sepultadas, toda a legião dos nús e miserandos veiu refugiar-se no con-
vento, fazendo das celas desertas a casa pauperrima de indigentes, ao relento
preferindo o frio que sofre quem vive n'estas celas de pedra e ferro...

Pobre mosteiro do Lorvão! Para que has de morrer aos poucos, sem freiras

que te lisonjeiem, sem madres aoadessas que te mandem restaurar, pintar olheiras que fosse a mas



genero humano—que já não presta. Com os seus 1200 habitantes, Lorrvão não tem casas: todas se comunicam, escancaradas, porque todos vivem na mesma promiscuidade vil.

Os homens, fortes, são madraços famosos a quem o descanço, o sol e o vinho puxaram a pescocreira farta, abasteceram o tronco e puzeram aos olhos todo o brilho gorduroso dos alcoolicos professos. Toda a freguezia, essas mil e duzentas pessoas, trabalha em palitos—dez minutos antes de comer. Levanta-se tudo tardissimo e se lhes falta o café, como quem toma do realejo para conseguir esmolas, eles se dispõem ao trabalho, em semi-circulo, homens, mulheres e creanças de ambos os sexos. Tomam da navalha e dos vimes de salgueiro branco, abrem-nos em quatro e, afirmando os sobre um pequeno protector de couro que os envolve do joelho esquerdo até ao pé—ai adoçam a madeira, afiam-na em ponta, com duas ou tres passagens rapidas de canivete. Voltam essas pontas, marcam nos vimes a altura conveniente ao palito, cavando a madeira, e vergam, partem quatro hastes de cada vez. Ai estão os palitos, que eles enrolam e vendem em maços a tres vintens. Vintens? olhem a fantasia... No Lorrvão, desde que as freiras abalaram, já não ha moeda alguma—de metal. A moeda é o palito, o autentico, cujo

carar-te a velhice, fazer chalrear nos teu claustros, ornamentai de graças o teu côro sumptuosissimo, povoar formosas a tuas celas que foram encantadas e refazer de ti o mosteiro opulento do tempo dos antigos reis—quando a altiva Filipa d'Eça, de sangue azul, neta d'el-re D. Manuel I, e monja eleita contra tenção de D. João III, leva a revolta ás assembléas do côro, debatia com o regimento e recorria para Roma distante e poderosa, soprando tempestades d'esse pequenino vale, onde a natureza é arida, os deuses espalharam a miserja e a incipia? O velho convento geme dolorid nas friagens das noites chuvosas, acalma suas dores aos luars de quem já ou viu louvores nos labios das freiras, quando á cerca desciam a beijar seus pares, se a manhã traz uma reatea de sol, todole se espreguiça os membros como o calor benéfico da natureza lhe sarra as chagas e o aliviasa da torpezza primiscua dos seus centos de habitante: Pobre mosteiro do Lorrvão, bmdito louvado quem te talhasse a tumba! Pobre mosteiro, mosteiro velho das lenda ergue a tua voz pela noute e canta a ti vida gemendo...

E como ha aqui quem sorria, cante, case tão jubilosamente como no dia em que visitei Lorrvão?

Só depois me informaram: toda essa gente que lastimei é gente sem moral, sem coração, nem estímulos, é a escoria, vendida em-hasta publica, do



1. Ai estão os palitos que elas envolvem e vendem em maços, 2. Aquela tão formosa será neta de abadessa?



Dispõem-se para o trabalho em semicírculo.

maço vale uns tantos gramas de café ou farinha, uns tantos decilítros de vinho. O homem da venda e da tenda recebe palitos, não recebe dinheiro, mas examina a moeda com um escrupulo, com um rigor de quem conterisse velhas assinaturas em pergaminhos antiquíssimos. Aquilo tudo é pesado, medido, contado e retribuído em genero, de que eles fazem almoço. Só des- pertam de novo



lhos sem cuidado. E, como era de prevêr... depois de se ter visto, esta gente, que anda sempre de canivete em punho, nunca o enfia pelo seu semelhante. Em Lorvão ha todos os dias insultos, ameaças, injurias, arrenegos, e, comtudo, raro se marca um homicídio. Para tudo esta gente traz perdida a energia...

E quem ha de explicar que assim floresçam, entre a lama, algumas carinhas lindas de raparigas, cujos pés patinham detritos, cujos corações sabem todas as amarguras—todas casam já mães—, emergindo umas cabecitas lindas, olhos como gemas, gemas preciosas de cor e de suavidade?

Quem sabe? serão estes tipos de ciganas netas ainda das freiras lindas e graciosas que morreram d'amor... cançadas? Aquela, mais formosa ainda, de lenço em touca, será neta d'alguma abadessa?

Lá entram no terreiro do convento cheio de relva, por onde correm miseros garotos estafimados. Parece, no seculo XVIII, a hora sombria

para a hora de jantar. Ha pão? Não ha. E lá se teem de afiar mais uns palitos... Não trabalham, mas não são exploradores, haja de confessar-se. Essas hastes, vendem-nas de graça, e, nas raparigas, nem um ar de coqueterie a rogar mais uma esportula de generosidade ao estranho que os compra. Por vezes, apenas um leve sorriso a quem se abeira, como esse que dispensaram ao meu companheiro de viagem...

Lorvão prolifica prodigiosamente. E' que nada ha tão semelhante a opulencia desmedida como a miseria crassa: aquela cria bastardos sem temor, estaimenta fi-



1. Um velho recto do enorme convento esquecido—2. Por vezes, um leve sorriso...—3. Trabalhando em familia.



das sopas distribuidas aos pobres que viviam nas abas do mosteiro. Olho as janelas altas, gradeadas de negro ferro antigo, a querer vêr as freiras de mantos brancos. E vejo ainda as mesmas po-

bres, com mantos negros de miseria. Caem horas da torre. Lorrão é agora um pesadelo de sombras e de tristeza...

MAGALHÃES COLAC^o.



1. Trabalhando á porta.—2. Trabalho doce com tagarela alegre.—(Clichés do sr. Gabriel Tinoco, de Coimbra.)

A guerra dos Balkans

Os jovens turcos, capitaneados por Enver Bey, entraram no ministério da guerra a fim de deporem o governo, tendo sido assassinado Nazim Bey e mais tres funcionarios que se antepuzeram aos designios dos membros do Comitê União e Progresso, que deram o golpe de estado.

Esse movimento joven turco nasceu da cedencia de Andrinopla, que o governo de Kiamil Pachá, agora deposto e substituido por Mamud Chefket, desejava levar a cabo, a fim de acabar com a guerra.



1. A chave d'Andrinopla, que atualmente está em Berlim, e que em 1829 foi um presente do Czar a Frederico III da Prussia.

Os delegados em Londres receberam ordens n'esse sentido, devendo naturalmente recomencar as hostilidades, visto os aliados não desistirem d'aquella pretensão. Nas linhas turcas já se move m os comboios atulhados de artilharia, que se destina a reforçar a praça forte, e por toda a Turquia as mobilizações continuam sem interrução. Os coman-



2. O pomo de discordia: Andrinopla. A ponte de Tundja, perto da cidade, e que os aliados querem conquistar.—(Cliché Archives du Miroir)



dantes d'alguns corpos do exercito hesitaram em reconhecer o novo governo, mas diante do seu dever de soldados submeteram-se, como o sultão, que aceitou os revolucionarios que assaltaram o poder.
Novos acontecimentos de importancia se esperam, sem du-



1. Os turcos não desarmam. A infantaria d'Anatolia"é um reforço para Andrinopla.—2. Canhões turcos para Andrinopla
(Clichés Archives du Miroir)



1. Nazim Paşa, o ministro da guerra que foi assassinado
(A fotografia representa o ministro diante da sua secretaria no ministerio
onde o mataram. (Cliché Archives du Miroir.)

vida, na Turquia, sujeita ultimamente a tão rudes
provas.



2. Uma manifestação do Comité Joven Turco, nas ruas de Constantinopla, de-
pois do golpe de estado. (Cliché Central Fotos)

Cantares de Coimbra



1. Dr. Veiga Simões.

Uma vez o oleiro disse assim á mulher que embalava a pequena a cantar:

—Olha que acordas a criança. Vae ao rio buscar agua que eu tomo conta na pequena.

Era uma tarde de outono, macia como a curva das colinas; e o oleiro tinha vindo trabalhar para a porta do quintal, olhando o rio, os montes, as moças lavadeiras, sob as folhas soltando o ultimo suspiro.

Ficou-se assim a dizer:

—Capaz de acordar a criança...

Quizera-a um dia fazer em barro, a filha que Deus lhe deu. Pôr-lhe uma boquinha assim, uns dentinhos como os seus, e o cabelo loiro e fino todo irriçado na testa... Quizera-a um dia fazer assim, levá-la ao forno, cozelá-la, pô-la sobre o oratorio, e beijá-la a toda a hora,—tal como agora dormia, tal como agora sorria...

Voltam dorio as lavadeiras; sob o blóco de barro informe, a roda gira. O oleiro esqueceu-se a cantar uma toada lenta, em que entra a melodia dos montes fronteiros e o socego do crepusculo descendo. No veu das primeiras sombras, a paizagem é um brando corpo feminino adormecido com a resa saudosisima dos choupos.

Voltando do rio com o cantaro á cabeça, a mulher do oleiro recorta uma curva de graça, que o poente envolve, traspassando-a nas ansas leves dos braços



apoiados sobre a cinta. O oleiro, enquanto a roda gira, alaga a mão escultora no blóco de barro informe: e reparou na mulher. Gira a roda mais veloz: e ele olha sempre a mulher, com o cantaro á cabeça... Andam-lhe as mãos ao acaso, sobre o barro, ligeirinhas, na mesma lenta, doce toada...

Mas ia a noite descendo, quanto mais perto lhe estava agora a mulher; e mais o seu corpo coleava um traço airoso e volátil...

E quando a mulher ciega mesmo á porta do quintal, erguendo alto nos braços o cantaro acabado, e vendo que tinha em cima um cantarinho pequeno, como o que ela ali trazia, mal soube dizer, contente:

—E o teu retrato, mulher!...

As ultimas "toilettes,, d'uma atriz



1, 2, 3 e 4. As toilettes da distinta atriz Jesuina Saraiva, na peça «A tomada de Bergop-Zoem» que se representou no Republica.—Clichés do distinto fotografo sr. J. Fernandes,

O "VERONESE" — Ultimos ecos do naufragio

O lugar onde o *Veronese* naufragou chama-se as *Pedras do lenho*, havendo outras proximidades intituladas *Cavalos do Fão*, onde tambem já teem os sobrado outras embarcações.

O e nbate do navio n'essas rochas, os rombos, a entrada da agua aos borbotões n'aquela nevoenta madrugada, foram o inicio d'essa catastrophe que tão cedo não dei-



a vida por todos os meios e apenas encontraram obstaculos na sua frente. Nos porões, entre os montões das malas, encontraram-se alguns; como na terceira clas e era onde havia mais passageiros o tumulto devia ter sido indescritivel.

A maioria dos mortos são creancinhas e adivinha-se o seu horrivel tormento, abandonadas pelas



1. Naufragos hespanhoes acompanhados pelo redator da fotografia. (Cliché C. P. Cardoso) — 2. A nese. (Cliché

tor chefe do «Heraldo de Vigo», que está ao guarda fiscal tomando conta dos despojos do «Veronalvaro Martins».

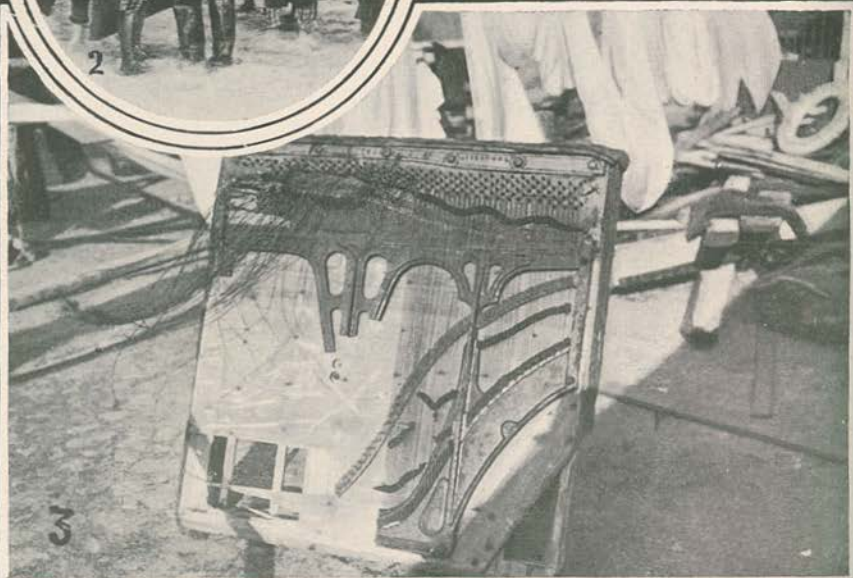
xará de nos pungir com todo o seu cortejo de horrores. Dia a dia se tem tentado fazer novos salvamentos no navio, que a agua cada vez invade mais, sendo bem lancinantes as cenas que os individuos que vão a bordo descrevem e que dão bem a impressão dos horrores do naufragio.

Os cadaveres encontrados estão nas mais estranhas posições; adivinha-se como muitos d'aquelles individuos procuraram a salvação em impetos, buscaram defender

criadas n'aquella barafunda do salve-se quem puder, no egoismo do instinto de salvação, como se pensa na dôr dos paes procurando, entre tantos desvairados, os filhinhos queridos. Depois houve ainda os que quiseram salvar os seus haveres e lá ficaram e evoca-se, diante das narrativas, o que seriam essas tremendas horas de angustia sem par nas aguas, sem probabilidades de socorros, diante d'uma praia deserta onde, dentro em pouco, se iam passar cenas do maior heroismo, logo que che-



1. Destroços e salvados.
(Cliché do sr. Alvaro Martins,



2. O comandante dos voluntários de Leça, o subdito inglês, que nunca abandonou os salvamentos e prestou enormes serviços. (Cliché do sr. Carlos Pereira Cardoso) 3. Restos d'um piano do salão do «Veronese»



O salva-vidas «Cego de Maio» aproximando-se do «Veronese»—(Cliché do sr. Carlos Pereira Cardoso)

garam os primeiros homens devotados para a salvação e cujos feitos ficaram registados.

Todos os naufragos assim o reconheceram e na fórmula entusiástica porque á sua entrada em Leixões saudaram o povo, demonstraram claramen-



1. Chegada do naufrago que demorou mais tempo a vir para terra, em vista de se ter quebrado o cabo que fez todo o trajeto debaixo d'água.

te a sua gratidão, de resto expressa nas estações officias pelo comandante do navio, que declarou ter sido praticado na praia da Boa Nova o *record* dos salvamentos e elogiou a grandeza d'alma dos nossos marítimos e tripulantes dos salva-vidas.

Os trabalhos de salvamento das bagagens e dos objetos preciosos têm continuado diariamente, apesar do mau tempo, e dentro em pouco das aguas desaparecerá o casco e a mastreação do *Veronese*, que os barcos de salvadego demolirão.

Isso, porém, não fará esquecer os horrores do naufragio.



2. Da direita para a esquerda: o capitão do *Veronese*, os agentes da Larnport e os srs. drs. Queiroz Magalhães e Mario de Castro, da Cruz Vermelha.

Figuras e Factos



1. Sr. Manuel Pereira Dias, novo juiz do Tribunal dos Arbitros Avindores.

¶ O novo juiz do Tribunal dos Arbitros Avindores é um espirito lucido e inteligente, uma reta consciencia de republicano e que no exercicio do seu novo cargo saberá resolver as questões com o seu bom criterio e imparcialidade de sempre.



3

3. O predio construido pelo illustre arquiteto sr. Ventura Terra, situado na rua Alexandre Herculano, pertencente a sr. Antonio Thomaz Quartin e que obteve o premio Valmor



2. O illustre arquiteto sr. Ventura Terra

O arquiteto sr. Ventura Terra acaba de obter mais um triunfo para juntar aos muitos que a sua carreira lhe tem proporcionado.

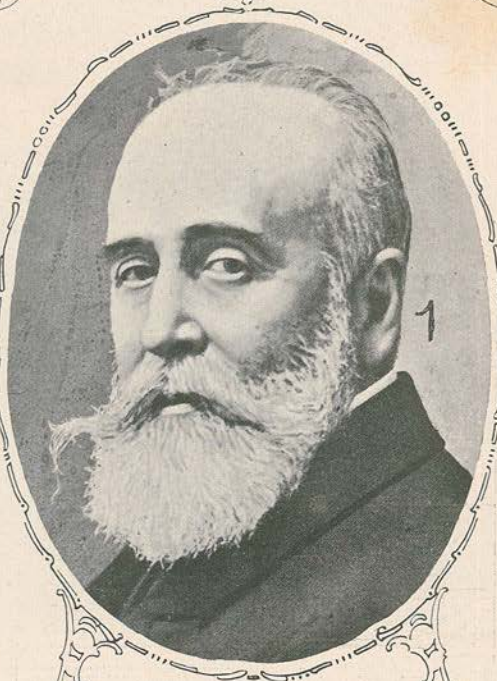
Foi a concessão do premio Valmor a um dos seus ultimos trabalhos, a linda e artistica casa do sr. Antonio Quartin, bem digna de ser admirada.



4

4. Na Beneficencia Portuguesa do Rio de Janeiro, depois do almoço oferecido á illustre jornalista nossa compatriota, sr.^a D. Virginia Quaresma -I-, atualmente redatora em chefe da «Epoca», e a que assistiu a distinta escritora sr.^a D. Olga Sarmento ◊

D. Segismundo Moret morreu com 75 anos de idade e era um dos maiores políticos hespanhoes. Fôra presidente do conselho, diplomata, membro da Academia Hespanhola, atual presidente da Camara dos Deputados e o chefe venerando do partido liberal. A Hespanha com o falecimento de Moret sofre uma perda igual á que experimentou com a morte de Canalejas podendo o desaparecimento d'esses dois ilustres homens publicos ter uma grande influencia nos destinos do paiz visinho. Moret teve a pasta das colonias, no dita-



torial governo de Prim fazendo abolir a lei da escravatura; Amadeu I recorreu ás suas luzes e fê-lo ministro da fazenda e embaixador em Londres.

Afonso XII chamou-o para o seu lado. Depois do falecimento do soberano, enveredou pela politica mais avançada do partido liberal, tornando-se um elemento de grande valor e de indiscutivel autoridade.

Era ele o politico que se antepunha a Maura e o homem que, falando alto a Roma, conseguiu os respeitos do povo hespanhol.

1. O grande estadista hespanhol, D. Segismundo Moret, falecido em 28 de Janeiro, em Madrid.



2. Em Budapest: O dr. Magalhães Lima com alguns delegados do Congresso Internacional do Livre Pensamento, que ha de reunir-se este ano em Lisboa.

NO PORTO

A visita de Sua Ex.^a o sr. Presidente da Republica

A primeira visita oficial do chefe do Estado foi para o Porto, a nobre cidade do trabalho e da revolta. O presidente da Republica, acompanhado pelo chefe do governo, recebeu n'essa cidade, que visitou na data do aniversario da revolução de janeiro, as homenagens devidas ás suas altas funções e ás suas qualidades pessoais.

Desde a gare de S. Bento ao palacio da Bolsa, onde ficou instalado, o povo do norte soube demonstrar-lhe bem a sua simpa-



ia, já aclamando-o, já lançando flôres sobre o auto-novel que o conduzia.

No municipio do Porto o sr. dr. Manuel d'Arriaga recebeu as saudações das entidades officiaes, no dia em que foi assistir á passagem do cortejo de homenagem aos mortos de 31 de janeiro, sendo muito vitoriado pelas numerosas pessoas que tomaram parte n'essa romagem piedosa, evocativa e saudosa.

O presidente da Republica visitou ainda varios edificios,



1. O Presidente da Republica com o pretidente do governo, vendo a passagem do cortejo—2. A' saída da estação: o auto-movel presidencial entre as alas de povo.

maugurou o Museu Nacional do Porto, esteve no hospital da Misericórdia, tendo uma afetuosa despedida.

Em Lisboa, na noite do regresso, foi também indescrevível o entusiasmo com que se recebeu o venerando chefe do Estado.



1. Na janela do municipio: O chefe d'Estado o, assistindo ao defile do cortejo—2. Depois do cortejo: em frente do monumento aos mortos de 31 de janeiro.—3. A multidão, em frente da camara municipal do Porto, á passagem do cortejo. (Clichés Carlos Pereira Cardoso).

HINO AO MAR



Ruge o irritado mar, e ao longe atrôa
Os ares, que dispersa o rijo vento ;
Nos rochedos, com louco excitamento
Bate, e de espuma as plagas ensabôa.

Mas sublime, que admira e que afeiçôa
A alma nossa, e cujo hórrido lamento,
Na imensidão, consola do tormento,
E a humana pequenez tanto apregôa ;

Vem das grutas o horror maravilhar-me,
E, sacudindo, a tempestade infrêne,
Com o azul de tuas aguas me deleita.

Mostra-me, ó mar, o deslisar perene
Da branda não, que o teu regaço enfeita,
Na vista o coração vem socegar-me!

(Do -Em Toda a Lyra-, livro de versos do
sr. conde Azevedo e Silva,
recentemente publicado)



1 e 3—Apetos da Boca do Inferno em Cascaes.—2. Sr. Conde de Azevedo e Silva

A exposição de aguarela, Alberto de Sousa



A exposição d'aguarelas Alberto de Souza, recentemente inaugurada, é um valioso conjunto de trabalhos do artista, cujos meritos e cuja persistente tarefa foram consagrados ha



pouco, ao ser adquirida pelo Museu de Belas Artes uma das mais notaveis das suas aguarelas, de dia para dia a acusarem nos processos maiores cuidados e rigor.



1. Mulher de Traz-os-Montes—2. Frade—3. Sr. Alberto de Sousa.
4. A praia de Alcochete. (Clichê de Benoliel)



A NOVA COMISSÃO ADMINISTRATIVA DO MUNICÍPIO DE LISBOA:—1, sr. Apolinario Pereira—2, dr. Acacio Furtado—3, dr. Jaime Salazar de Souza—4, sr. João Camara Pestana—5, sr. Guilherme Saraiva Lima—6, sr. Antonio Alves de Matos—7, sr. Coronel Correia Barreto, presidente—8, sr. Ricardo Covões—9, sr. Artur Cohen.—10, sr. Francisco Carlos Parente—11, sr. Manuel Pereira Dias—12, sr. Antonio José Correia—13, sr. J. M. Alves Torgo.

Arrabaldes de Lorena

(Norte de S. Paulo)

Lorena é a cidade de mais lindos arrabaldes do norte de S. Paulo. Tem luz elétrica, esgotos, água encaçada provida d'essa maravilhosa serra da Mantiqueira, que corre altiva perto do Paraíba, rio que banha a povoação, jardim publico, magnificos estabelecimentos de ensino, enfim, é uma terra confortável, uma cidade adoravel, onde perpassa intensamente a civilização.

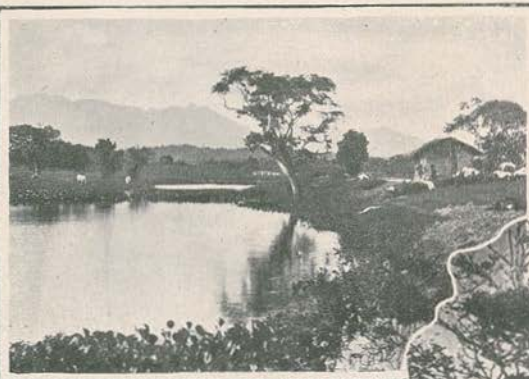
Mas, entre todas as suas maravilhas, ha uma coisa a juntar e essa mais formosa e mais encantadora que todos os aperfeiçoamentos vindos da arte humana, que todas as maravilhas d'ela nascidas. E' a natureza, a paizagem arrebatadora, que convida a ficar-se diante d'ela n'um extasi e n'um arrebatamento.

São as grandes a vores frondosas e magnificas, os pontos de vista interessantes, a sua vegetação luxuriosa, os cantinhos a'loraveis, que parecem propositadamente feitos para deleite da vista, para regalo dos sentidos.

Lorena é, pela sua situação, uma das mais notaveis cidades do Brazil e a sua fama espalha-se por toda a republica; as fotografias dos seus arrabaldes, como as que publicamos, são quadrosinhos de genero que fazem a inveja dos artistas.

Ultimamente essa paizagem admiravel viu desfilar centenas de recrutas, voluntarios especiaes, filhos das mais distintas familias brasileiras, que

fizeram de Lorena um quartel e dos seus arrabaldes um vastissimo, pitoresco e involvidavel acampamento.



1, 2 e 3. Paizagens nos arredores de Lorena
(Clichês do sr. Augusto Saccaux.)

Pelo Oriente

O Instituto Botânico de Java

A 6.º de lat. sul e 106.º 47' de long. leste do meridiano de G. fica a vila de Luitenzorg, na falda oriental do monte Salak, cuja parte superior está ainda coberta de densas florestas virgens. Sêde do governo geral das Índias neerlandezas, dista 56 kilometros de Batavia, capital da Ilha da Java, com a qual comunica por um caminho de ferro cujo percurso se faz em 1 hora aproximadamente.

O Instituto foi fundado em 1817, por iniciativa do professor Reinwardt, da Universidade de Leyde. Quando ali esteve em missão oficial, o director era o notavel homem de ciencia dr. M. Treub. E' a este eminente sabio que o Instituto deve a alta consideração e o renome do primeiro jardim colonial, universalmente reconhecido por quantos se interessam no desenvolvimen-

to da botanica e agricultura tropicaes.

O Instituto comprehende tres jardins: O jardim de Buitenzorg ou o botanico. O jardim de Tjikemeule ou o jardim experimental com as dependencias. O jardim de Tjibôdas ou o jardim de Montanha. Esta organização, que fôra delineada por Teysman e executada em grande parte pelo dr. Scheffer, só se tornou realmente efetiva no seu conjunto depois do dr. Treub ter assumido a direção do Instituto.

O herbario do Instituto está dividido em 4 secções: o herbario geral, o herbario horti, o herbario laboratorial e o herbario Bogorieuze. Pela sua parte o herbario geral é constituído por 4 agrupamentos: coleção de plantas do arquipelago malaio, coleção de plantas da India Oriental, coleção da Australia, e coleção da Europa e America.

O jardim Botânico propriamente dito tem uma superficie de 58 hectares e está dividido em duas partes pelo rio Tjilwong, que o atravessa em todo o comprimento.



1. Phoenix sylvestret.—2. Palacio do governader geral das Índias holandezas.



Na margem direita ficam os quarteirões das famílias nativas, do outro os canteiros das plantas herbáceas, arvóreas e arbustos isolados, uma infinidade de rhizophoras, que abundam nas margens de todos os rios das Índias neerlandesas, e um grande numero de landolphias e trepadeiras lenhosas. Mas, sobretudo, o que nos prende a atenção é a celebre Avenida Canarini, plantada por Teysman, o eminente

cemiterios javanezes, *Ocousperma filamentosa*, etc. O jardim de Tjikemenh dista 3 kilometros do jardim principal. Tem 72 hectares de superficie, onde se fazem experiencias e cultura em grande. Assim, podem-se ver, entre outras, muitas variedades de café, chá e cacau, abacó e outras plantas fibrosas, quinas e outras produzindo alcaloides; muitas variedades de guta-percha, palanquium, cau-



1. Jardim da Montanha.—2. Vitoria regia.

botânico e antigo diretor do Instituto, a *Entada monostachya* (ou *E. Scandens*), pela sua grandeza e formas simétricas, as *Ptero carpus*, as inumeras trepadeiras da ordem Aroidal e as orquídeas monstro *Grammatophyllum speciosum* e *Monstera delictosa*, *Xanthophyllum excelsum*, *Plumiera acuti folia*—arvore muito usada nos

tchouc, cantoreiras, canelhiras, cana sacarina, etc. O jardim da Montanha, situado a uma altitude variavel de 1.200 a 1.600 metros, dista aproximadamente 50 kilometros de Buiteuzorg, merecendo especial menção as suas plantações de quina e floresta virgem.

Alfredo da Costa Andrade.